

LEMBRANÇA DO ZBY

por

Vítor Oliveira Jorge

Fui pela primeira vez ao Museu dos Serviços Geológicos (actual Instituto Geológico e Mineiro), na R. da Academia das Ciências de Lisboa, quando era estudante dos anos iniciais do liceu, e hesitava em escolher “ciências” ou “letras” (ainda hoje me rebelo contra tão absurda dicotomia com que “canalizaram” o nosso futuro).

“Ciências” seriam, nessa opção abandonada, as ciências naturais, porque a matriz de quase tudo o que me tem preocupado liga-se muito à educação cristã da infância (por ex., as enigmáticas explicações da catequese sobre a criação do universo, o paraíso original, Adão e Eva, a Torre de Babel e a confusão das línguas...) e às profundas insatisfações que ela me provocou, mal cheguei à adolescência. Os seus rituais, onde a assistência só participava passivamente, sem a criação de um sentimento de comunidade, cansaram-me, no sentido mais profundo do termo.

A “génese do mundo”, a história da Terra, dos seres vivos, e da humanidade remota, na sua interface com essa realidade viva, foi sempre o que mais me fascinou. Não tanto a história recente, que nos prende porque está próxima, porque nela como que nos vemos ao espelho, mas que nos confina a uma fracção mínima do tempo... que só nos parece importante porque a grande duração é quase, para nós, impensável. Somos vultos efémeros, enfunados de presente, que, observado a uma escala mais ampla, é como o pequeno, invisível, incógnito movimento que faz um grão de areia ao deslizar uns centímetros num deserto infundável. E como podemos às vezes ser ridículos nessa nossa obcecação do vivido, e no entusiasmo de pensamentos e emoções que nos enaltecem (quando não nos fazem sentir quase divinos), e que estão destinados, como tudo o resto, a serem aspirados para o buraco universal do esquecimento!

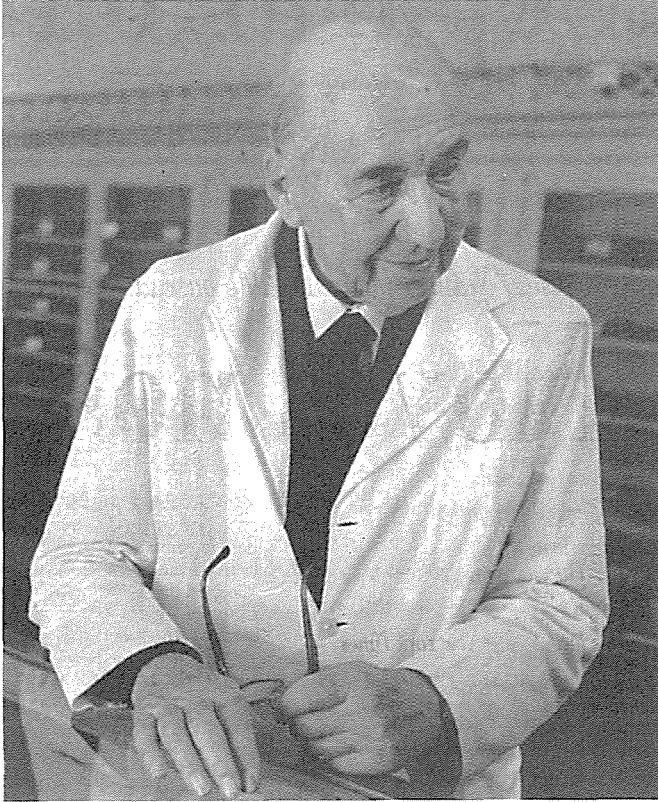
Lembro-me de ver lá nos Serviços Geológicos muitos fósseis, algo como uma respiração parada que faz dos museus (sobretudo dos antigos) uma espécie

de locais de culto esotérico, com os seus peculiares silêncios e cheiros, e uns raros senhores de batas brancas que circulavam naquela semi-obscuridade de templo científico. Um deles, muito grande e alto, com um sorriso acolhedor, era certamente o Zby – o Doutor Georges Zbyszewski, funcionário superior do serviço – que eu só muito mais tarde viria a re-conhecer na sua especificidade. Naquele momento foi apenas uma criatura que, na sua imponência, me pareceu corporizar esse universo imenso onde sonhei entrar um dia, o dos homens que pareciam deter o segredo dos lugares certos das coisas e dos seres, o modo sublime como tudo se ordenava em classes e ocupava o seu lugar preciso, nas vitrinas e na arquitetura do mundo. E pegavam nas pedras, sujando as mãos habituadas, com o carinho e o saber com que o criador tinha sopesado o universo.

Ainda não tinha acordado então para o facto de também nos “templos da ciência” outros poderes e contra-poderes circularem, e de a “razão libertadora” andar tantas vezes a jogar (no claro-escuro dos espaços entre os expositores ou as bancas de análise) com essa “verdade” que pode ser opressiva, na medida em que esquece que é apenas um código partilhável e se arroga o supremo direito de se apresentar como a realidade-em-si, indiscutível.

Recordo hoje, com saudade, o Doutor Zbyszewski como um dos meus mestres informais (uma vez que nunca fui seu aluno), sempre disposto a receber-me nos Serviços Geológicos e a generosamente ensinar-me o que sabia. Essa convivência, embora esporádica (mas mais acentuada nos últimos anos desta fase), deu-se fundamentalmente entre 1965/66 e 1971/72, altura em que frequentei a Faculdade de Letras de Lisboa, e acabei por optar por uma dissertação de licenciatura sobre aspectos do Paleolítico inferior e médio do litoral sul do país. Devo-lhe fundamentalmente a aquisição de uma experiência empírica indispensável, que só se obtém à força de observação de muitos materiais: a de saber distinguir os objectos líticos talhados intencionalmente, e a de perceber a lógica do seu afeiçoamento, talhe, e/ou retoque para preparação dos mais diversos utensílios.

Georges Zbyszewski nasceu na Rússia em 22 de Outubro de 1909, mas formou-se como geólogo na Fac. de Ciências de Paris (licenciatura em Ciências Naturais em 1931), onde foi discípulo de Jacques Bourcart, que dirigia o Laboratório de Geografia Física e Geologia Dinâmica daquela faculdade. Bourcart desenvolvera, a partir do seu trabalho de campo em Marrocos, a teoria da “flexura litoral”, e encorajara Zbyszewski, com quem veio a Portugal em 1935, a procurar provas de tal fenómeno na costa portuguesa. Assim, na segunda metade dos anos trinta, Zby deslocou-se diversas vezes ao nosso país, concentrando a sua atenção no quaternário da faixa litoral. A partir do início dos anos quarenta, porém, o autor entrou no quadro dos Serviços Geológicos, optando por se radicar em Portugal, onde consagrou os seus esforços a um outro aspecto então totalmente inexplorado da nossa geologia, a dos terraços quaternários do vale do Tejo. A sua



Georges Zbyszewski (no Museu do IGM,
Lisboa, em Outubro de 1997 - foto Pedro Cunha - *Público*)

colaboração com Henri Breuil, um dos pré-historiadores mais marcantes da primeira metade do século, que chegou a dar aulas na FLUL (então instalada no mesmo edifício da Academia das Ciências onde os Serviços Geológicos se encontravam), permitiu a ambos construírem, nessa década de 40, a base dos estudos de Paleolítico antigo e médio em Portugal, que nunca teriam sido possíveis sem a experiência internacional de Breuil em indústrias líticas, conjugadas com o saber de Zbyszewski sobre os depósitos quaternários do nosso país. Mas a sua tese de doutoramento em Ciências Naturais, apresentada em Paris (Fac. de Ciências) em 1958 – tinha o autor destas linhas apenas 10 anos de idade – debruçou-se sobre uma problemática bem diferente da da pré-história, intitulado-se “Estudo Estrutural da Área Tifónica das Caldas da Rainha (Portugal)”.

Evidentemente que como funcionário superior dos Serviços Geológicos, numa época pioneira em que a geologia e a geografia física do país davam os seus

primeiros passos decisivos – com figuras da grandeza de um Carlos Teixeira ou de um Orlando Ribeiro, com os quais o autor conviveu e trabalhou – Zbyszewski teve de dispersar a sua actividade por múltiplos temas. O próprio levantamento de cartas geológicas – que se estenderam aos Açores e Madeira – a isso o obrigava, mas também o seu gosto enciclopédico por temas que iam desde a paleontologia, à vulcanologia, à hidrogeologia, à pré-história. Dotado de uma resistência física invulgar – que pôde testemunhar quem procurou acompanhar a sua passada célere em prospecções de campo –, colaborando com investigadores estrangeiros que entre nós trabalhavam, como o casal alemão Leisner, e emparceirando frequentemente com Veiga Ferreira, seu colega nos Serviços, em inúmeras pesquisas, Zby mais se assemelhava a uma máquina produtiva do que a uma pessoa comum. E sempre com uma calma, com uma serenidade, com uma receptividade tão grande para os que o procuravam, que fizeram dele uma verdadeira referência para a minha geração. Por isso não poderia deixar de lhe dedicar aqui estas palavras de reconhecimento, agora que se soube do seu falecimento no primeiro dia de Março deste ano (v. jornal *Público* – secção Ciências, de 4.3.1999). Mesmo depois de reformado, em 1979, Zby continuou a ir todos os dias para o Museu, a vestir a sua bata branca, a preparar os seus trabalhos, como se nada tivesse mudado na sua vida, quase nos fazendo crer que tinha passado para uma espécie de condição de imortalidade.

Diferi (algo audaciosamente), na minha dissertação de licenciatura, de muitas das concepções de Breuil-Zbyszewski sobre o Paleolítico inferior e médio português, tentando propor perspectivas mais actualizadas, inspiradas na obra de François Bordes e de outros autores. Procurei sobretudo pensar aqueles primeiros períodos da nossa pré-história de um ponto de vista que se ancorava nas ciências humanas, embora evidentemente sem esquecer a necessidade imprescindível da base geológica. Mas foi por compreender que esta segunda formação, incontornável, me faltava, que desde 1975 enveredei por trabalhar na Pré-história recente (embora ainda sob a direcção de um paleolítico, francês, o Doutor Jean Roche) não deixando entretanto de encorajar outros a prosseguirem os estudos de Paleolítico, que tão promissores se revelavam em Portugal. Hoje o país dispõe de um conjunto de especialistas neste domínio que, por todo o território, e em íntima colaboração com geólogos e pré-historiadores estrangeiros, desenvolvem pesquisas de grande qualidade. A obra desbravadora de Zbyszewski é a base de um tronco, de uma enorme árvore, que neste como noutros domínios deu os seus frutos. Por isso lhe temos todos de estar gratos.

Porto, Março de 1999.

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, GASPAR S., FERREIRA, ANTÓNIO BRUN & SENNA-MARTINEZ, JOÃO C. (Coord.) (1993), *O Quaternário em Portugal. Balanço e Perspectivas*, Lisboa, Ed. Colibri (v. sobret.º contributos de S. Daveau).
- JORGE, VÍTOR OLIVEIRA (1972), *Conjuntos Industriais de Seixos Afeiçãoados do Sul de Portugal – Aspectos e Problemas*, Lisboa, 2 vols., dissertação de licenciatura em História, policopiada, deposta na Fac. de Letras de Lisboa e em diversas bibliotecas da especialidade (as suas principais conclusões e propostas – visto tratar-se mais de um programa de pesquisas do que de uma investigação conclusiva – encontram-se publicadas em diversos artigos dados à estampa nos anos 70).
- RAPOSO, LUÍS & SILVA, ANTÓNIO CARLOS (1996), *A Linguagem das Coisas. Ensaios e Crónicas de Arqueologia*, Lisboa, Publicações Europa-América (v. sobret.º pp. 281-284).
- VV. AA. (1984), *Volume d'Homage au Géologue G. Zbyszewski*, Paris, Ed. Recherche sur les Civilisations (este volume contém a resenha, até àquela data, das numerosíssimas publicações do autor).